

Com a flanela esticada, o menino deu a polida final no sapato. Era o último freguês do dia, dali a pouco estaria a caminho de casa. Olhou para o couro que refletia sua própria imagem. Brilhava de dar gosto.

- Quanto é?

- Um tostão.

- Tome dois. Compre uma broa de milho. Você está com cara de quem não comeu nada o dia todo.

O garoto pegou as moedas e enfiou no bolso da calça curta. O moço tinha razão, estava de barriga vazia desde as sete da manhã, quando arrumou sua caixa de engraxate. Procurava disfarçar a inveja dos que almoçavam um prato feito e lanchavam à tarde. Ele não podia se dar esse luxo. Sua irmãzinha estava doente e remédio custava uma fortuna.

Ao ouvir o relógio da Sé bater seis horas, ele levantou apressado. Precisava voar ou perderia o bonde. Com as mãos sujas da graxa que se acumulava debaixo das unhas, enfiou tudo no caixote de madeira, prendeu-o às costas e começou a andar. Parecia mais pesado agora, embora carregasse o mesmo de sempre: uma lata de cera preta e outra marrom, duas escovas, dois trapos e a flanela gasta.

No caminho passou diante da padaria, de onde vinha aquele cheirinho de pão recém-saído do forno. O estômago reclamou, mas ele resistiu. Parou defronte à livraria, um dos seus lugares preferidos em toda a cidade. Nunca teve coragem de entrar por causa das roupas encardidas com remendos, mas, de fora, admirava a vitrine. Cada semana tinha uma coleção de livros diferente, cujos títulos lia com dificuldade. Assim mesmo adorava ficar ali, tentando decifrar o significado das letras escuras sobre o fundo azulado dos volumes. Daria qualquer coisa para ter um deles, sonho praticamente impossível. Jamais poderia pagar, mesmo porque sua mãe estava esperando pelo ganho da jornada. Acelerou o passo, mas a fraqueza o impedia de correr. Quando alcançou o ponto, o bonde tinha acabado de partir.

Desanimado, o menino colocou a caixa no chão. Era um longo trajeto até sua casa, o corpo doía e a fome apertava. Mas sorriu, lembrando que assim economizaria a passagem. Criou forças e encarou as ruas que iam se esvaziando dos automóveis e dos pedestres apressados. Levou quase três horas para cobrir a distância até o casarão velho no qual ocupava um cômodo com sua família. Estava exausto, mas feliz.

* Jornalista, escritora e pós-doutorado em História pela USP.

- Por onde andou até agora? – sua mãe não se continha de tanta preocupação. - Não vê que já é noite?

O garoto não respondeu, apenas esticou a mãozinha com o dinheiro contado.

- Acho que isso dá para o boticário aviar a receita – falou com a voz sumida.

- Não adianta mais. – a mãe disse. – Ela já se foi. Agora somos só eu e você.

A princípio ele não entendeu. Daí viu a caminha da irmã vazia e encarou a mãe. Pelas olheiras de sofrimento contido, compreendeu. Seu padraсто tinha partido. Abandonara a mãe, levando consigo a menina doente e cega de nascença. O garoto soltou a caixa de engraxate como quem se livra de uma responsabilidade grande demais para sua estatura mirrada e caiu nos braços da mãe. Estava muito fraco para chorar.

Maria pôs a palma da mão na testa do filho que ardia em febre. Requentou o leite no fogareiro e deu-lhe na boca, em colheradas. O líquido morno abrandou a tristeza. Aos poucos o menino relaxou, e em alguns minutos dormia a sono solto. Ela permaneceu ao pé da cama a noite inteira. Passeou a ponta dos dedos pelos cabelos negros do filho e encolheu de pena. Ainda não tinha dez anos de idade, mas já enfrentava a vida feito um adulto. A mãe não se lamentava, mas admitia que as coisas na casa da madrinha, onde trabalhara, eram bem mais fáceis. Tinham um teto, três refeições controladas, mas garantidas e, de vez em quando, o filho até ganhava uns trocados para comprar figurinhas.

Ela chegara lá com uma maleta surrada na qual pusera as mudas de roupa, um chinelo velho, o pente, um pedaço de sabão, uma toalha e dois cobertores puídos. Para causar boa impressão, jogou por cima do vestido o xale florido que trouxera da sua aldeia. Filha de camponeses pobres da região portuguesa de Braga, em pequena Maria ajudava a vender legumes. No fim de semana, enchiam a carroça com o que colhiam da horta e seguiam para a feira. O pai na frente, ela atrás, a pé. Ao anoitecer, tremia de medo ao ouvir os lobos uivando na floresta. Quando aportou no Brasil, pegou na enxada de sol a sol numa fazenda de café ao lado da mãe, dos irmãos e do pai, contratado como arrendatário em Bragança Paulista. Junto com o casebre, receberam uma saca de arroz, de feijão e outra de batata. Ficaram admirados, nunca tinham visto tanta fartura!

Quase dez anos depois, já viúva, Maria foi trabalhar como doméstica na capital. Ficou grávida e quando deu à luz um menino franzino, num parto complicado, quis batizar o recém-nascido com o nome do motorista da casa, homenageando o amigo que a ajudara nas horas difíceis. Só que a patroa não concordou. Justo aquele nome fora dado por Beethoven ao personagem central da sua única ópera, intitulada *Fidélío*. Música clássica de compositor estrangeiro não combinava com ralé.

- Isso é nome de gente rica, não de filho de empregada. – explicou. - De hoje em diante ele vai se chamar Vicente.

Maria quis protestar. Confiscar o nome de alguém era o mesmo que roubar sua alma. Mas preferiu ficar calada. Pelo menos por enquanto. Longe dos outros, chamava-o pelo nome verdadeiro. E prometeu a si mesma que um dia recuperaria o direito de usá-lo na frente de todos.

Sem filhos, com o tempo a patroa interessou-se por aquele menino que cresceu fascinado pela biblioteca. Mulher culta, que tocava piano e falava francês, lia para ele histórias de aventuras. Criado nesse ambiente erudito, Vicente expandiu seu universo de possibilidades. E substituía as peladas de futebol por horas no quartinho dos fundos, que dividia com a mãe, saboreando revistas infantis como *O Tico Tico*. A imaginação voava para longe, numa curiosidade que marcaria seu futuro. Acontece que Maria, mulher independente e determinada, acabou se desentendendo com a patroa. Refez as malas e mudou-se com o garoto para uma ruela na periferia.

A relação com a madrinha foi mantida. De vez em quando visitavam o sobrado de esquina, no Brás. No Natal eles vinham ver o afilhado. Antes do anoitecer Vicente tomava banho, penteava-se, tirava as roupas largas, herdadas de meninos ricos maiores do que ele e vestia outra novinha em folha para esperar os padrinhos. Ganhava presentes e passeava de carro pelas redondezas. Revia o casal que achava um absurdo um menino inteligente daquele jeito ser criado por uma completa analfabeta. Diante das condições precárias em que viviam, um dia a madrinha perguntou:

- Por que ele não vem morar conosco?

Relutante, Maria concordou. E nesse período Vicente frequentou uma escolinha do bairro. Dali a uns meses a ex-patroa resolveu pedir a guarda definitiva do menino. Ela e o marido queriam adotar a criança. Podiam arcar a educação que Vicente merecia.

- Cachorro, gato, a gente dá de presente. Filho não é bicho. Filho não se dá. – foi a resposta taxativa.

E assim Vicente voltou a viver com a mãe, não raro em cortiços sem luz e infestados de baratas. Retornou ao Grupo Escolar do Bexiga, virou assistente do professor de matemática, mas levava caneladas dos colegas na hora de tomar a tabuada. Entre socos e pontapés, as brigas continuavam na saída, embora a turma também se divertisse unida, cabulando as aulas mais aborrecidas para subir ao Morro dos Ingleses. Empoleirados nos galhos das árvores, lá de cima ficavam espiando o vai e vem dos moradores endinheirados em seus palacetes cercados de muros e grades. Como precisava ajudar em casa, por uns tostões ele limpava roupas dos clientes de uma barbearia próxima. Mas logo mudou de biscate.

- Engraxar sapatos rende muito mais! – um colega de rua avisou. E lá se foi Vicente pelas regiões da Bela Vista, Cambuci, Largo Ana Rosa. Ia e voltava a pé, sozinho, do Bosque da Saúde, onde morava. As pernas doíam, mas ele não desanimava. Herdara da mãe a força de vontade e o caráter combativo. Apesar de não ter aprendido a ler, Maria trazia nas veias o sangue camponês, feito de coragem e de perseverança na luta pela sobrevivência. Logo descobriu que seus ganhos

variavam. Prevenido, passou a esconder as sobras de dinheiro miúdo numa fenda do colchão em um saquinho que ele mesmo costurou. No dia em que não conseguia o suficiente, apanhava uns trocados para compensar e cobrir as despesas.

Nessa infância de pouca diversão e muito trabalho duro, Vicente virou auxiliar de alfaiataria. Pregava botões, alinhavava e fazia a barra das calças. Dormia no emprego. A comida era péssima e seu colchão encharcava quando chovia forte. Para estancar a água que escorria pelas paredes do porão onde ficava sua cama improvisada, usava retalhos de tecido. E o medo dos ratos? Eles passavam a noite zanzando de um lado para outro, como se fossem os donos do pedaço. Incapaz de pregar o olho, Vicente se pôs a pensar. Por que uns nasciam na miséria e outros gozavam do bom e do melhor? Como a minoria possuía mais do que era capaz de aproveitar e a grande massa mal ganhava para comer? Tanta coisa injusta nesse mundo...

O rapazote ainda fez serviços em açougue, padaria, na feira e numa marcenaria antes de virar garçom no Bar Bidú, no centro da cidade. Foi seu primeiro emprego de carteira assinada. O cotidiano não era fácil. Varava a madrugada atendendo as mesas, mas se gabava de que ninguém lavava um copo como ele. Nessa época, precisou abandonar a escola. Para compensar, estabeleceu para si próprio um rigoroso programa de leituras. Atrás do balcão, nas horas de menor movimento, lia ensaios e livros que alguns freqüentadores traziam para ele. Entre quatorze e dezessete anos foi tomando contato com Marx, Engels, Rosa Luxemburgo. “A liberdade de cada um só se completa na igualdade de todos”, dizia Bakunin. “A propriedade é furto”, ensinava Proudhon. “Sem uma teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário”, concluía Lênin. Tudo começava a fazer sentido. As peças encaixavam-se como num enorme quebra-cabeça que ia forjando sua consciência política.

Cavando o sustento com o suor do rosto ali, em pleno coração da metrópole, Vicente observava as injustiças e as desigualdades sociais. Tão próspera, com centenas de fábricas, lojas e os prédios mais altos da América Latina, a capital escondia uma legião de miseráveis. Era o exército de excluídos de onde lutava para sair, mas com o qual se identificava profundamente. Embora tentasse superar aquelas condições que o condenavam a uma existência sem perspectivas, sentia-se ligado aos “de baixo” como irmão. Essa era outra marca que o acompanharia para sempre. Ele jamais negaria nem se afastaria das suas origens de classe.

Além de textos, Vicente ganhou de um dos fregueses do bar uma oferta de serviço mais leve. Entregar amostras de um laboratório farmacêutico significava noites livres para o estudo. Graças ao desconto obtido por um professor conhecido seu, passou a assistir aulas no curso de madureza. Estava prestes a romper o primeiro elo do círculo de ferro que o prendia a um contexto cruel e desumano. Se tudo corresse bem, em breve prestaria exames na universidade, conquista quase impensável para um filho de lavadeira.

Por isso dedicou-se com mais garra do que nunca. Após alguns contratempos, conseguiu o diploma. Certa manhã, com o documento debaixo do braço, Vicente atravessou a rua como se cruzasse um oceano separando dois destinos. De cabeça erguida e o coração a mil, retirou do bolso do paletó a carteira de identidade. Examinou-a com cuidado como a assegurar-se de que quem o olhava, na foto, era ele mesmo. Daí juntou-a ao envelope com o certificado de conclusão do segundo grau. Galgou a escada do prédio num piscar de olhos. Tinha pressa, nada o poderia deter. Alcançou a sala da secretaria. Acima da porta divisou uma placa onde se lia: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Entregou os papéis e a moça pediu que aguardasse. Dali a instantes retornava com a ficha de inscrição. Vicente tomou a folha com as mãos firmes, destampou a caneta tinteiro e concentrou-se na tarefa de preenchê-la. Ao terminar, devolveu-a à atendente. Ela examinou a caligrafia miúda e redonda e, só para confirmar, perguntou.

- Como se chama mesmo?

- Florestan. - ele respondeu. – Meu nome é Florestan Fernandes.